

## APRESENTAÇÃO

Marco Rocha  
Universidade Federal de Santa Catarina  
marcor@cce.ufsc.br

Iria Sponholz  
Universidade Federal de Santa Catarina  
sponholz@yahoo.com.br

Regina Márcia Gerber  
Universidade Federal de Santa Catarina  
regigerber@yahoo.com.br

A atividade denominada tradução de máquina completou cinquenta anos em 1997. Trata-se de uma das primeiras aplicações não-numéricas dos computadores, a qual, nos seus primórdios, está associada à abordagem conhecida como teoria da informação, conforme delineada pelo matemático Claude Shannon em 1947 e definida no livro *The mathematical theory of communications*, escrito em conjunto com Warren Weaver e publicado em 1949. Conforme se sabe, o conceito fundamental da abordagem – que a informação pode ser tratada como qualquer outra quantidade e manipulada por uma máquina – teve profunda influência no desenvolvimento da computação. Weaver viria a desenvolver um tratamento para a tradução de máquina, e para o processamento computacional de linguagem de um modo geral, que unia elementos de teoria da informação à criptografia, atividade em grande evidência após a Segunda Guerra Mundial. Os resultados de seu trabalho foram publicados em 1955, em um artigo denominado *Translation*, que integra o livro *Machine translation of languages*, organizado por W. N. Locke e A.D. Booth, e publicado pela MIT Press.

A relativa ingenuidade destas abordagens iniciais levaram a um otimismo quanto à possibilidade de obter traduções totalmente automáticas de alta qualidade que subestimava a dificuldade da atividade de traduzir. Mesmo para os seres humanos, traduzir não é fácil, e, no caso de textos complexos, é muito difícil. A decepção gerada pelo relatório ALPAC (Automatic Language Processing Advisory Committee), publicado em 1966 por uma comissão de avaliação patrocinada pelo governo norte-americano, gerou uma forte retração nos investimentos nos Estados Unidos, uma vez que o próprio governo era a principal fonte de fundos para a tradução de máquina na época.

A despeito disso, as pesquisas continuaram em escala mais modesta na Europa, e, a partir de 1970, mais intensivamente, no Japão. Aos poucos, os financiamentos públicos e privados retornaram a níveis compatíveis, e, hoje em dia, mais de cinqüenta empresas produzem e vendem traduções mediadas por computador com variados graus de automatização no mundo inteiro, abrangendo por volta de 250 línguas, se considerados protótipos. Não obstante, as dificuldades para atingir uma situação dita ideal, ou seja, a tradução totalmente automática de alta qualidade, continuam a ser reais.

A tecnologia atual é capaz de produzir traduções próximas da perfeição para domínios fortemente restritos, que usam um léxico de algumas centenas de palavras. Conforme as restrições de domínio diminuam, porém, as dimensões do léxico exigido tendem a causar problemas cada vez maiores para a eficiência dos sistemas de tradução, chegando a gerar traduções ininteligíveis e, conseqüentemente, inúteis. Porém, a crescente popularização dos recursos computacionais, a partir da década de oitenta, passou a incluir os tradutores como usuários de máquinas e serviços de informática, possibilitando o desenvolvimento de sistemas de propósitos mais modestos, porém mais viáveis, denominados sistemas de tradução assistida por computador.

Esta edição dos Cadernos de Tradução pretende contribuir para a investigação científica destes sistemas, tanto nos seus aspectos

teóricos quanto práticos, uma vez que ainda há poucos estudos a este respeito disponíveis no Brasil.

A importância e a motivação da utilização de softwares de apoio à tradução nos é apresentada por Danilo Nogueira e Vera Maria Conti Nogueira, tradutores profissionais em São Paulo. Eles salientam que a resistência contra os programas de apoio à tradução (PAT) vem do fato de que a maioria dos tradutores ainda não entende que essas ferramentas não traduzem, quem traduz é o tradutor. As ferramentas se limitam a ajudar na tarefa de traduzir. E ajudam muito. A partir da leitura do texto pode-se, por exemplo, dizer que ajudam a:

1. Impedir que o tradutor salte um parágrafo ou período por engano (se ele quiser saltar de propósito, não há problema).
2. Livrar o tradutor da tarefa de transcrever nomes próprios e números.
3. Preservar a formatação do original no todo ou na sua maior parte.
4. Administrar os glossários que o tradutor possa ter em seu computador, automaticamente exibindo os termos e as traduções à medida que vão aparecendo no texto, permitindo que o tradutor insira a tradução que achar mais adequada.
5. Criar corpora bilíngües automaticamente.

Existem vários programas que podem auxiliar o tradutor que se utiliza da tradução automática e assistida. Dentre eles: Déjà Vu ([www.atril.com](http://www.atril.com)), Trados ([www.trados.com](http://www.trados.com)), SDLX ([www.sdl.com](http://www.sdl.com)), StarTransit ([www.star-group.net](http://www.star-group.net)) e Wordfast ([www.wordfast.net](http://www.wordfast.net)).

Para relatar as vantagens e desvantagens do Déjà Vu, convidamos Leonel Morgado, docente na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Portugal. Morgado esclarece que o reaproveitamento automático de partes de expressões, não apenas de expressões inteiras, permite que este programa contribua significativamente para a melhoria do desempenho, da coerência e da rapidez do trabalho de tradução pois permite que o tradutor envie para a memória de tradução pares lingüísticos simples como uma palavra e a sua tradução. Este processo permite que o programa possa utilizar estas informações que estão abastecendo a sua memória para traduzir pedaços das frases e expressões que vão surgindo tornando assim mais ágil e eficiente o trabalho do tradutor.

Como sabemos, freqüentemente se questiona a qualidade das traduções. Para Miriam Santos, tradutora profissional em Portugal, se pedirmos para dois tradutores avaliarem uma determinada tradução, obteremos três opiniões diferentes. Além da noção de que é necessário traduzir um texto corretamente, existem várias idéias bastante distintas quanto à maneira de avaliar uma tradução. Deste modo, uma tradução considerada boa por uma pessoa pode ser avaliada negativamente por uma outra pessoa. Santos esclarece que os prestadores de serviços de tradução são avaliados periodicamente em relação à qualidade do serviço de tradução que prestam. Esta avaliação, segundo ela, sofreu grandes transformações desde o processo tradicional até o processo formal orientado para o cliente desencadeado pela localização, em que o produto, o utilizador e a funcionalidade são os fatores-chave do controle de qualidade com vistas ao cumprimento de prazos, à redução dos custos e a gestão de grandes equipes de recursos free-lance externos à empresa.

Pensar na qualidade das traduções remete a outros fatores importantes como qualidade do atendimento, rapidez na entrega e tantas outras coisas que o tradutor está aprendendo a incluir como parte de seu trabalho. Esses fatores são apresentados e discutidos por Fuad Azzam, sócio de um escritório de tradução desde 1989,

onde é o responsável pela área de processos e qualidade e professor de Memórias de Tradução no curso de formação de tradutores da associação Alumni, em São Paulo. Experiente na área da tradução, Fuad mostra como o ato de traduzir permite ao tradutor criar banco de dados que podem auxiliá-lo no controle absoluto sobre o que ele aproveita em outros trabalhos. Alerta para o fato de que a gestão das memórias de tradução e dos glossários aparece como uma nova tarefa; porém, mais que um trabalho adicional, ela otimiza o uso deste banco de dados e evita erros – às vezes caros – durante o uso.

Diante da variedade de ferramentas a disposição dos tradutores é cada vez mais importante se pensar no desempenho delas, bem como nas conseqüências de sua utilização. Adriana Ceschin Rieche, professora de Prática de Tradução de Informática do curso de Pós-graduação lato sensu em Tradução e de Terminologia no Curso de Formação de Tradutores, ambos na Puc-Rio, apresenta em seu artigo os resultados de uma pesquisa realizada com tradutores brasileiros para traçar os padrões de uso de apenas uma dessas ferramentas: os sistemas de memória de tradução, que surgiram prometendo ganhos de produtividade, maior consistência e economia. Para desenvolver seu estudo ela utilizou um questionário que foi distribuído por email e teve como pano de fundo uma pesquisa realizada internacionalmente pela Localization Industry Standards Association (LISA), organização que congrega os membros da indústria da localização, segmento que mais utiliza as memórias de tradução. Rieche desenvolveu este questionário com o objetivo de responder às perguntas levantadas com o uso do Trados Translator's Workbench e Wordfast e a percepção de que, ao lado das vantagens anunciadas pelos fabricantes, estes programas também podem trazer alguns problemas durante o processo tradutório.

Ainda seguindo esta linha da análise de programas que podem auxiliar na tradução, a contribuição de Gabriela Castelo Branco Ribeiro, tradutora e revisora autônoma especializada em localização, e professora do módulo de tradução de informática do curso

Formação de Tradutores da Puc-Rio, instituição onde cursa o mestrado em estudos da linguagem. Gabriela, além de apresentar a ferramenta *WordSmith Tools* aplicada à tradução de textos, explora vários pontos de intersecção entre tradução, terminologia e lingüística. Seu foco recai sobre algumas das tecnologias de suporte do tradutor técnico profissional.

Seguindo esta via de ligação entre tradução e áreas afins, Ivone C. Benedetti, tradutora profissional desde 1987 e doutora pela USP, presta sua contribuição com um artigo que objetiva orientar os tradutores de ciências humanas e literatura no uso de ferramentas de auxílio à tradução. Segundo a autora, em geral, os tradutores que trabalham com esse tipo de texto alegam que tais ferramentas não lhes são úteis, pois eles costumam lidar com terminologia difusa, variável, pouco repetitiva, em textos constituídos sobretudo por termos da linguagem comum. No desenrolar de seus argumentos, Benedetti mostra que esta afirmação é em parte verdadeira, mas, de outro ponto de vista, é também equivocada.

Outro trabalho que segue a linha destes dois últimos artigos e permite a ligação da tradução com áreas afins é o de Fábio Alves, professor da UFMG. Baseando-se em estudos sobre segmentação cognitiva em tradução e no surgimento de novos modos de produção decorrentes da criação de tecnologias de tradução (Dragsted, 2004), Alves apresenta ao leitor um projeto de pesquisa que, segundo ele, tem por objetivo investigar o impacto das novas tecnologias de tradução na cognição humana. Além disso, o artigo discute possíveis implicações que o uso de sistemas de memória de tradução pode ter no desempenho de tradutores.

O penúltimo artigo, de Achilles Colombo Prudêncio, estudante de Ciências da Computação da UFSC e bolsista de iniciação científica do GeNESS, Djali Avelino Valois, tradutora e localizadora de software e sub-coordenadora do CEGIL e José Eduardo De Lucca, mestre em Ciências da Computação, professor do Departamento de Informática e Estatística da UFSC e Coordenador-geral do GeNESS, aborda, de maneira simples e introdutória, o que

---

significa Internacionalização e Localização de software, mostrando os conceitos correlatos e como se dá o processo de internacionalização e localização no desenvolvimento de um programa. Os autores mostram como é importante a aplicação destes conceitos e técnicas quando se deseja atingir mercados externos e proporcionar melhor qualidade de software e serviços.

No último artigo, temos Markus J. Weininger, da UFSC, que nos apresenta uma revisão de algumas conseqüências da aplicação de sistemas de tradução automática (*Machine Translation* – MT) e memórias de tradução (*Translation Memories* – TM) aplicadas a área de tradução técnica, bem como algumas tendências de desenvolvimento neste campo. Além de apresentar três hipóteses de convergências entre as abordagens de MT e TM, Weininger, apresenta as causas iniciais dos problemas referentes ao uso de TM, constatados por outros autores, e defende a existência de uma tendência à fusão entre original e texto traduzido na área de tradução técnica, seja pela introdução de sistemas sofisticados de CNL, seja pelo uso de memórias de redação (*Authoring Memories* – AM).

Para finalizar esta edição, elaboramos uma seleção de material bibliográfico que, esperamos, possa ajudar tanto os iniciantes quanto os especialistas em tradução assistida.

Fazendo votos de que os artigos deste número estimulem os leitores a explorar as possibilidades de pesquisa relacionada à tradução assistida, tanto aqueles que ainda não tiveram contato com esta forma de traduzir quanto os já experientes, esperamos ter contribuído para a divulgação dessa área de pesquisa dentro dos Estudos da Tradução.